

AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO AMBIENTE ESCOLAR

Alice de Lima Przyvara¹, Andressa dos Santos Goffi²

*Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Campus de Francisco Beltrão. E-mail:
alicethamara@hotmail.com¹ goffiandressa@gmail.com²*

Resumo: O presente texto apresenta alguns apontamentos levantados durante o momento de estágio de regência do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, o qual foi realizado num Centro de Educação Infantil da rede pública do município de Francisco Beltrão-Paraná. Este artigo busca refletir sobre as relações de gênero no ambiente escolar, mais precisamente, de que modo o professor, figura de grande referência para as crianças na sala de aula, influencia e reforça a diferenciação nas relações de gênero. E como podemos fazer para reverter esta condição. Visto que, muitas vezes o docente se depara com fatos corriqueiros do meio escolar e para resolver devida situação momentânea adota atitudes de caráter social, advindas do senso comum, que envolvem muito além de sua formação teórica e profissional. Esta temática, embora delicada, em razão do risco de julgamento moral quanto ao comportamento dos professores perante sua prática em sala de aula, visa alertar aos docentes para prestarem mais atenção no tema, pois, inconscientemente se veem reproduzindo padrões construídos socialmente do que é feminino e do que é masculino dentro dos espaços escolares. Para tanto, faz-se necessário primeiramente abordar a construção do conceito de gênero no decorrer da história. Visto que, esta construção parte dum meio social, o qual sofre influências e mudanças conforme os interesses da sociedade e de devida época. Com base na leitura e estudo de artigos específicos que abordam essa temática damos início ao processo complexo de desprender-se destas amarras sociais do que é “certo” e errado” para cada sexo.

Palavras-chave: Relações de gênero, postura profissional, ambiente escolar.

INTRODUÇÃO

O momento de estágio curricular possibilita ao acadêmico do ensino superior conhecer melhor o ambiente em que futuramente irá atuar. E, na área da Pedagogia temos por meio do estágio de regência um contato maior, especificamente, com a vida escolar. Visto que, este ocorre a partir da convivência com alunos, outros professores, diretores, coordenadores, entre outros funcionários que contribuirão na construção da identidade do futuro professor.

O estágio permite também um olhar mais crítico para o ambiente da escola, levando ao acadêmico o desenvolvimento de habilidades de reflexão e pesquisa.

A partir da observação *in loco* dos problemas educacionais enfrentados pelos professores, surgem temáticas passíveis de intervenção pedagógica, quais deverão ser relatadas, analisadas e discutidas com finalidade de contribuir na formação docente.

Deste modo, com a finalidade de descrever o contínuo processo de reflexão sobre a prática pedagógica a partir da conduta de observador crítico durante o Estágio de Regência do curso de Pedagogia. Este trabalho tem como temática desta reflexão, as relações de gêneros na educação infantil.



Os relatos aqui descritos foram cenas observadas durante o acompanhamento da rotina escolar de um Centro de Educação Infantil, localizado no município de Francisco Beltrão – Paraná, em uma turma de Pré II com 25 alunos, duas professoras regentes e uma professora auxiliar.

TEMÁTICA

No decorrer da rotina escolar, se observarmos criticamente, encontraremos vários momentos em que as meninas são separadas dos meninos, inclusive na hora do brincar, em que devidas posturas dos professores, ainda que inconscientemente, reforçam nas brincadeiras a separação por gênero sexual. O que nos levou a seguinte indagação: Em que medida o professor influencia e reforça a diferenciação nas relações de gênero?

Durante a vivência entre observação e regência no CMEI (Centro Municipal de Educação Infantil), algumas cenas chamaram mais atenção e se tornaram o tema central deste artigo: *as relações de gênero no ambiente escolar*, especificamente na educação infantil.

Infelizmente, ainda trata-se de um assunto um tanto quanto delicado, de um lado porque a sociedade reforça a ideia de separação do que é feminino e do que é masculino. E de outro, localiza-se o risco do julgamento moral quanto ao comportamento dos professores perante sua prática em sala, o que não vem a ser finalidade desta problemática.

Contudo, relataremos brevemente nosso olhar quanto a isso, com base na leitura e estudo de alguns artigos da autora Daniela Finco (2003, 2004, 2009, 2013), situando primeiramente as cenas que observamos no referido CMEI relativas à questão de gênero e posteriormente qual é a postura que o professor pode assumir frente a este cenário.

RELATO DE OBSERVAÇÃO

Na rotina das crianças no Centro de Educação Infantil, estava a hora da brincadeira livre, onde a professora regente espalhava diversos tipos de brinquedos pela sala e cada criança ia se apossando do que mais lhe chamou atenção para brincar. Como é de se imaginar, algumas crianças acabaram se interessando pelo mesmo objeto.

Chamou nossa atenção um menino que desejava brincar com um teclado cor de rosa, o qual se encontrava nas mãos de uma coleguinha que estava muito indecisa em dividir com ele aquele brinquedo. Devido à insistência do menino, que chorava muito pedindo pelo

brinquedo, a menina estava quase cedendo, porém, a mesma foi impedida de dividir aquele brinquedo com o menino, devido à justificativa da professora regente da turma que interveio dizendo que: “Este é um brinquedo cor de rosa e brinquedos cor de rosa são para meninas! Fulano procure outra coisa para você brincar”. Ficou claro que esta atitude da professora foi influenciada pelo calor do momento, para amenizar a situação e resolver o aparente problema com o choro do menino. Visto que, posteriormente esta fala, o mesmo desistiu do brinquedo e seguiu procurando outro objeto para se entreter.

Porém, com o passar do dia, percebemos que as meninas próximas, que ouviram aquela explicação, passaram a não dividir brinquedos cor de rosa com os meninos da classe, tidos como exclusivos de meninas, repetindo para os demais colegas a fala da professora.

Num segundo momento, as crianças foram sendo chamadas pela professora para arrumar o cabelo, pós hora do sono, separando os meninos das meninas. O que poderia ter passado despercebido pelos nossos olhos, se não fosse pela justificativa que a mesma alegou para tal separação, pois: “Cabelo de menino é fácil arrumar e de menina demora mais, porque é longo e tem que ficar mais caprichado!”.

No decorrer da rotina observaram-se mais momentos em que as meninas foram separadas dos meninos, por exemplo, na hora de utilizar o banheiro, na hora de formar fila, na hora do soninho (em que algumas meninas não podem deitar próximas de meninos, pois são “assanhadas”) e inclusive na fala das demais professoras, as quais sempre pedem: “Quantas meninas vieram na aula hoje? Quantos meninos?” ou quando reforçam nas brincadeiras que: “Esta brincadeira é para menina, aquela para menino”.

Deste modo, tornaram-se visíveis, a partir das atitudes do professor, quais os valores e concepções que ele tem acerca das questões de gênero. Pois, embora sejam momentos considerados “normais” para grande parte das pessoas que convivem com aquele contexto, trazem consigo uma grande bagagem cultural acerca do que é adequado ou não para cada sexo.

FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

Partindo da problemática levantada durante o momento de observação do ambiente escolar, é importante pontuar que, segundo Scott (1995 apud FINCO, 2004. p. 14), o gênero pode ser conceituado como a organização social da diferença sexual. Ou seja, o conceito de gênero, de modo genérico, é uma construção social, na qual culturalmente cada sociedade



classifica e distingue os seres embasados nas suas características sexuais.

Portanto, a bagagem cultural de cada sociedade ocasiona por muitas vezes na construção de concepções equivocadas quanto ao comportamento de cada indivíduo. Explicando-se desta maneira a razão da conduta do professor perante situações que envolvam as relações de gênero.

Conforme pontua as autoras Daniela Finco e Cláudia Vianna (2009),

As professoras da classe de pré-escola em foco, muitas vezes, orientam e reforçam diferentes habilidades nos meninos e nas meninas, de forma sutil, transmitindo expectativas quanto ao tipo de desempenho intelectual mais adequado para cada sexo e manipulando sanções e recompensas sempre que tais expectativas sejam ou não satisfeitas. É também considerado comum que meninas e meninos desenvolvam seus comportamentos e potencialidades no sentido de corresponder às expectativas quanto às características mais desejáveis para o masculino e para o feminino. (p.275)

Nos espaços de educação infantil podemos observar que, inconscientemente, o professor influencia os alunos pelas suas concepções de gênero. Isto é, na maioria das vezes essas atitudes, não são pensadas e muito menos planejadas pelo professor, sendo fatos corriqueiros que passam despercebidos aos olhos e ouvidos dos adultos. Porém, não das crianças, as quais muitas vezes se veem reproduzindo padrões construídos socialmente do que é feminino e do que é masculino. Visto que, segundo Daniela Finco (2003), as crianças

[...] ainda não possuem o sexismo da forma como ele está disseminado na cultura construída pelo adulto: as crianças vão aprendendo a oposição e a hierarquia dos sexos ao longo do tempo que permanecem na escola. (p. 7).

Ou seja, conforme é a conduta dos adultos que rodeiam essas crianças, serão os comportamentos delas umas com as outras.

Sendo notório, considerar que os costumes e brincadeiras foram separados socialmente ao longo da história humana em dois sexos: feminino e masculino. E,

Muitas vezes, instituições como família, creches e pré-escolas orientam e reforçam habilidades específicas para cada sexo, transmitindo expectativas quanto ao tipo de desempenho intelectual considerado “mais adequado”, manipulando recompensas e sanções sempre que tais expectativas são ou não satisfeitas. Meninas e meninos são educados de modos muito diferentes, sejam irmãos de uma mesma família, sejam alunos sentados na mesma sala, lendo os mesmos livros ou ouvindo a mesma professora. A diferença está nas formas aparentemente invisíveis com que familiares professoras e professores interagem com as crianças. (VIANNA. FINCO. 2009 p. 9).



Deste modo, é fundamental para o professor refletir sobre a temática, para que, estando consciente e informado seja capaz de agir de maneira natural com as crianças, sem construir crenças e ideologias de gênero na cabeça delas, interferindo por consequência também em seus comportamentos.

Devemos analisar neste momento que o brincar é fundamental no crescimento da criança, por isso pensando nos primeiros anos de vida, os espaços de educação infantil não devem rotular os brinquedos e as brincadeiras diferenciando-os por gênero. Visto que,

É importante ressaltar que os brinquedos são compreendidos como elementos culturais, portadores de significados e de um enredo social e as crianças estão a todo o momento recriando novos significados. (FINCO, 2003, p. 8)

Embora o mercado capitalista apresente brinquedos remetidos diretamente às meninas e aos meninos, devemos ter consciência de que estes reforçam nas brincadeiras as funções e padrões construídos culturalmente e historicamente sobre gênero, introduzindo aos poucos para aquela sociedade consumidora o que é adequado ou não para cada sexo.

O fato das embalagens que, facilmente encontramos nas prateleiras de lojas infantis remeterem ao gênero sexual específico para tal brinquedo, não significa que o mesmo não possa ser utilizado pela criança que o quiser utilizar, nem mesmo significa que devemos seguir estes rótulos ao pé da letra. Pois, assim como as crianças recriam a todo momentos suas brincadeiras, devemos buscar na criatividade a universalização sem categorização dos brinquedos.

Contudo, sabemos que não é tão fácil quanto parece no papel colocar essas ações em prática nos espaços educativos, visto que, a equipe que integra a escola ainda reluta muitas vezes, pois está mergulhada nos padrões sociais, já que a escola não é parte separada da sociedade, mas sim parte ativa e integrada, o que acarreta muitas vezes em trazer também os receios¹ dos adultos para dentro do ambiente escolar. Pois, de acordo com a pesquisa da autora Finco (2013):

Há uma forte preocupação, na história dos estudos dos comportamentos masculinos e femininos durante a infância, com a necessidade de uma clara identidade de gênero, por se acreditar na “maleabilidade das identidades das crianças” pequenas. É necessário estar atento para como os resquícios das contribuições das áreas médicas, biológicas e psicológicas ainda estão presentes no imaginário das pessoas nos dias de hoje e influenciam na “educação do corpo. [...]”. (p.173).

¹ Medos de que tal comportamento determine o gosto sexual das crianças quando chegarem à idade adulta, como por exemplo, meninos brincando de boneca, é sinal que serão homossexuais quando crescerem, etc.



O que por sua vez, ocasiona no reforçamento dos pré-conceitos construídos acerca da sexualidade das crianças, fazendo com que os professores interfiram e separem as meninas dos meninos nas atividades e brincadeiras rotineiras da escola. Deste modo, incitando inconscientemente a cultura machista desde muito cedo nos meninos e a rivalidade entre ambos os sexos.

Estas atitudes levam ao “controle dos corpos” como Finco (2013) descreve naturalizando certos comportamentos e condenando outros. O professor, figura adulta importantíssima na formação da identidade da criança, tem como desafio desmistificar essas atitudes, para que tenhamos no futuro cada vez menos incidências desses atos, visto que a sociedade constrói e reconstrói sua cultura dependendo das atitudes do povo que nela está inserido.

Para tal, existem algumas sugestões que podem ser seguidas pela equipe pedagógica da escola, como por exemplo, a realização de seminários entre os professores que abordem essa temática com mais clareza e discernimento, partindo do princípio que para modificar as atitudes individuais e equivocadas acerca das questões de gênero devemos previamente conhecer e estudar o tema, debatendo e, por consequência, refletindo sobre as nossas próprias ações.

Contudo, nos deparamos com certa relutância por parte dos professores quando o assunto tem enfoco nesta temática e temos consciência de que muitos não conseguem diferenciar identidade de gênero, de orientação sexual². Portanto, cabe a nós pesquisadores levar a informação para dentro dos ambientes escolares a fim de quebrar a barreira dos receios adultos quanto à sexualidade das crianças. Com objetivo de formar consciência de que, é importante para o educador:

Aceitar a sexualidade infantil como normal/natural; superar posturas repressivas; superar inibição; ter consciência dos modelos que se oferecem e ultrapassar o discurso, tudo isso significa desfazer preconceitos. Compreender as formas como as crianças brincam, conversar e debater com elas, isto é, reencontrar a criança, aprendendo a enxergá-la com outros olhos. (FINCO, 2004, p.126).

Ou seja, quanto mais conhecemos e se apropriarmos da discussão sobre o tema, mais se desprendemos dos preconceitos construídos acerca dele, acarretando em profissionais que

² Identidade de gênero é como nos vemos dentro do mundo perante os outros, reconhecendo-se como homem ou como mulher, independentemente dos órgãos genitais, atribuições físicas ou da nossa orientação sexual. Já orientação sexual é o desejo afetivo sexual de cada pessoa, relacionado à atração física e emocional de cada ser.



estarão “à vontade” em ver crianças brincando com os brinquedos que desejarem brincar e em discutir o tema com outros colegas, ou até mesmo em atividades pedagógicas com as crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do momento de observação, percebemos que o educador tem papel importante na construção da concepção de gênero para aquelas crianças que o rodeiam. Sendo as suas atitudes e comportamentos responsáveis por reforçar os estereótipos, que diferenciam e separam meninos de meninas, apenas por considerar suas diferenças biológicas suficientes para determinar, por exemplo, que boneca é brincadeira de menina e futebol é brincadeira de menino, fato ainda muito presente dentro do ambiente escolar.

Devemos frisar que, estas mudanças, quanto aos pré-conceitos existentes na sociedade, não são responsabilidades somente do professor ou dos profissionais da escola, visto que, estas crianças estão inseridas num contexto social, convivendo com diversas visões de mundo.

Porém, como educadores e sujeitos importantes no processo de formação humana destas crianças, é de nossa responsabilidade não reforçar os estereótipos e preconceitos existentes na sociedade.

Portanto, faz-se necessário para o educador estar consciente do que se é falado e feito perante e para as crianças, já que a figura adulta é vista como referencial para as mesmas.

Para tal, compreendesse assim a grande necessidade de um embasamento teórico entre os professores que ainda possuem dificuldades de tratar sobre este assunto no ambiente escolar. E também para aqueles profissionais que sentem lacunas que precisam ser preenchidas quanto a postura correta a assumir, para desta maneira contribuir com a universalização sem categorização por gênero.

Deste modo, nossas contribuições podem partir desde pequenas mudanças em nossas atitudes rotineiras, como por exemplo, oportunizar as crianças momentos de liberdade nas brincadeiras e atividades sem a categorização por sexo, ou cor, até mesmo na elaboração de seminários, com palestrantes estudiosos da temática, que envolvam toda a comunidade escolar.

Para concluir, vale salientar que nunca é demais pesquisar e se informar sobre o tema, para deste modo desprendermo-nos aos poucos destas amarras sociais que impõem ao longo da história da humanidade padrões para o comportamento humano.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

FINCO, Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **Revista Quadrimestral da Faculdade de Educação**: Universidade de Campinas, Campinas, v.14, n.3 (42), p. 89-101, set./dez. 2003.

FINCO, Daniela. **Faca sem ponta, galinha sem pé, homem com mulher: relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na pré-escola**. Campinas – SP. 2004.

VIANNA, Claudia. FINCO, Daniela. Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder. **Cadernos Pagu** (33), Campinas – SP. 2009.

FINCO, Daniela. Encontro com as diferenças na educação infantil: meninos e meninas nas fronteiras de gênero. **Revista Leitura: Teoria & Prática**. Campinas – SP. v.31, n.61, p.169-184, nov. 2013.